



Comissão de Proteção de Crianças e Jovens segue 139 menores na Lagoa

Número de sinalizações escolares aumentou durante a pandemia. De acordo com os últimos dados, o abandono escolar, a negligência e a violência doméstica são os problemas mais comuns entre os menores do concelho Pág. 6

Fábrica do Álcool vai ser hotel

Investimento vai custar 22,5 milhões de euros. Obras arrancam no início de 2021 Última

Atelier Brum no festival Walk&Talk

Espaço da artista Beatriz Brum acolhe a exposição 'Figura-Lugar' Pág. 3

Formação do Operário com novos projetos

Época arranca com cinco escalões e mais de 70 inscritos Pág. 8



Temperatura é medida três vezes por dia no campo de férias da biblioteca Tomaz Borba Vieira Pág. 2

PUB.

comprar em casa CONHEÇA A NOSSA LOJA ONLINE!

ENTREGA AO DOMICÍLIO ou CLICK & COLLECT

compraremcasa.pt

APOIO TELEFÓNICO 296 248 760 + INFORMAÇÕES No SITE

CONTINENTE well's

Férias com máscara e medição de temperatura corporal

Também as crianças estão sujeitas às novas regras sanitárias impostas pela pandemia. Visitámos duas instituições para perceber que novidades trouxeram as férias

De máscara e com os sapatos do filho na mão, é desta forma que Tânia Mendes passa o portão da antiga escola primária da Atalhada rumo à sala onde Afonso está com os colegas no Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL) do Centro Social e Cultural da Atalhada (CSCA). Ao Diário da Lagoa conta que é o primeiro dia em que deixa o filho no espaço: “claro que tentamos ao máximo resguardá-los enquanto a gente tem outras opções como nas folgas em que fica ele comigo”, conta Tânia Mendes enquanto espera que a educadora o descalce para calçar os sapatos que a mãe trouxe e que estão destinados à rua. “Como profissional de saúde também tive que redobrar os cuidados em casa, também criei uma zona suja, a zona de entrada”. E é à entrada que fica qualquer pai que vá buscar o filho. Ninguém entra nas instalações do CATL do CSCA. A conversa da responsável com o Diário da Lagoa, decorreu, também ela, no exterior das instalações, onde só estão funcionários e crianças. Dulce Picanço explica que as mudanças no dia-a-dia são muitas: “quando as crianças chegam têm de calçar os sapatos que têm só para dentro do edifício. À sexta-feira higienizamos todos, se forem crocs, se forem sapatilhas os pais levam e fazem essa higienização”.

“Quando falamos no «bichinho» eles sabem o que é”

A cada uma das cerca de 60 crianças, dos 3 aos 12 anos que atualmente frequenta o CATL do Centro Social e Cultural da Atalhada, é medida a temperatura não sendo obrigatório o uso de máscara por parte das crianças até aos 10 anos. As mãos são desinfetadas e “tudo o que vem de casa tem de vir em sacos zipados”, explica a educadora de infância que passa boa parte do seu tempo a desinfetar o espaço que acolhe as crianças. “Nós estávamos mais direcionadas para estar e trabalhar com eles, agora também temos que ter esse cuidado da limpeza e da desinfecção constantemente”, sublinha Dulce Picanço.

Os brinquedos são desinfetados pelo menos duas vezes por dia e quem diz brinquedos diz mesas, cadeiras, casas de banho ou maçanetas das portas. Até os livros são higienizados e depois de utilizados cumprem uma quarentena de 12 horas até poderem ser manuseados novamente.

A própria roupa das funcionárias tem de ser outra quando entram ao serviço. “A partir do momento em que entramos temos que calçar umas pantalonas para poder ir para o nosso sítio trocar de roupa. Temos que trocar a roupa toda que trazemos da rua, vestir uma roupa só para usar cá dentro e os sapatos também são de usar cá dentro, isto tudo depois de desinfetar as mãos à entrada e de vir de máscara desde a rua”, explica a responsável pelo CATL da Atalhada. A educadora

não esconde o cansaço de tanta mudança mas elogia pais e crianças: “elas adaptam-se muito mais facilmente que os adultos e eles seguem o que pedimos, quando falamos no «bichinho» eles sabem o que é, o que faz e o que não faz, os pais fizeram um excelente trabalho durante a quarentena”, destaca a responsável pelo CATL da Atalhada.

Temperatura medida 3 vezes ao dia

Inês Duarte, 9 anos, já sabe de cor o que tem de fazer de cada vez que volta a entrar numa das salas do Convento de Santo António com acesso ao jardim de Santa Cruz. Na entrada, entra rapidamente: primeiro coloca um pé e depois o outro, numa caixa preta com desinfetante para os sapatos. Imediatamente a seguir estende as mãos sobre uma pequena mesa onde está um dispensador de mais desinfetante. “Estamos todos muito cansados de por as máscaras, desinfetar as mãos, os sapatos, está a ser muito cansativo para nós”, responde prontamente ao Diário da Lagoa. Inês e os restantes 10 colegas têm de usar máscara sempre que se encontram nos espaços interiores. Apenas o mais novo, de 8 anos, não usa. Miguel Gomes, de 11 anos, tem a mesma opinião da colega e diz que “é cansativo” mas vê pelo uma vantagem: “podemo-nos rir e fazer brincadeiras que ninguém percebe”, brinca. “Tivemos que analisar todas as circulares sobre



FOTOS SARA SOUSA OLIVEIRA

Pais não podem entrar nas instalações e trazem os sapatos dos filhos

os ATL's e também um geral sobre os campos de férias e foi esse que nós adotamos porque se adequava mais ao tipo de projeto que estamos a desenvolver” explica Cátia Meireles, que nos últimos oito verões se tem ocupado do projeto “Férias na Biblioteca” da responsabilidade da Câmara Municipal de Lagoa, na Biblioteca Tomás Borba Vieira.

Três vezes por dia com a ajuda de um termómetro digital, as monitoras do campo de férias medem a temperatura às crianças que têm entre 8 e 12 anos. “É uma forma de controlo para ver se há algum sintoma, medimos de manhã, na hora de almoço e à tarde quando vão embora”, explica a responsável pelo campo de férias.

Desinfetantes para passeios no exterior

Para além de terem reduzido para metade o número de participantes e aumentado o espaçamento entre mesas e lugares, por aqui, desinfecção é palavra de ordem dentro e fora das instalações. As brincadeiras no exterior são as preferidas e as saídas também. No passeio que fizeram, por exemplo ao parque da Macela, o material de desinfecção seguiu com o

grupo: “levamos sabão para as mãos e desinfetante para o baloiço e para o escorrega, temos essa preocupação, para que eles estejam seguros, minimizando ao máximo um possível contágio”, assegura Cátia Meireles.

Miguel Gomes confirma que este ano é tudo diferente, até os passeios: “na visita ao Museu Carlos Machado só foi metade do grupo, da próxima vai a outra metade”. Para quem trabalha com crianças, mais do que o trabalho que aumentou, a principal dificuldade está em garantir a menor proximidade possível. “Eles têm necessidade de estar perto uns dos outros, precisamos de afeto, de estar perto dos nossos amigos, mas sempre que alertamos para não estarem juntos, eles acarretam a ordem”, garante a responsável.

“Preferia como brincávamos, aproximávamo-nos mais, podíamos abraçar e agora não, só podemos fazer assim”, exemplifica Inês, encostando o seu cotovelo com o cotovelo da jornalista, tendo-se prontificado logo para responder a qualquer pergunta sobre a nova normalidade das suas férias.

SARA SOUSA OLIVEIRA



Crianças do projeto “Férias na Biblioteca” usam máscara e medem temperatura três vezes ao dia

Atelier Brum, a Artista Beatriz, e a arte como forma de interação

O Atelier Brum, na Lagoa, é um dos pontos do festival Walk&Talk e espaço de trabalho de Beatriz Brum, uma artista que tem sempre presente a “condição de ilhéu” nos seus trabalhos

Entre a Atalhada e o Rosário, inserido numa das casas da rua das Alminhas, está um pequeno portão branco, que abre as portas ao Brum Atelier, o espaço de trabalho da artista lagoense Beatriz Brum. Em tempos, foi uma antiga carpintaria, onde o pai e o avô de Beatriz trabalharam. Nas próximas semanas, o espaço irá ser o palco do projeto ‘Figura-Lugar’, integrado na edição 9.5 do festival Walk&Talk.

“A ideia é ser um espaço de interação, de partilha, de reflexão com um lado muito experimental”, diz a artista ao Diário da Lagoa. Beatriz Brum recebeu no seu espaço outros dois artistas que atualmente partilham atelier no Porto: João Ramos, que vem da pintura, e Rodrigo Queirós, da escultura. O primeiro já tinha estado instalado no Brum Atelier. O segundo nunca tinha vindo a São Miguel. “Cada um traz as suas referências e interesses” explica Beatriz, referindo que o objetivo passa por perceber se os trabalhos “contaminam-se uns aos outros ou não”.

Portanto, nos dias marcados entre as 18h e as 22h, o atelier está aberto a visitas. E o espaço está sempre diferente. Quando o Diário da Lagoa lá foi, por exemplo, existiam figuras evocativas dos típicos bonecos de presépio, uma tela inspirada nos presépios de lapinha e a forma de uma lagoa em acetato. Neste projeto, o objetivo é promover a “proximidade”, fazer com que as pessoas sintam o “cheiro da tinta” e façam perguntas que não

não fariam caso fosse uma exposição normal.

“Há exposições mais arrumadinhas que outras. Há umas em que o próprio processo é mostrado e eu acho isso bonito, porque é uma generosidade de quem cria e também uma maneira do trabalho do artista crescer”, resume a lagoense, salientando que através das conversas o trabalho artístico pode ir por caminhos diferentes dos inicialmente previstos. Para Beatriz, a interação entre o artista e o público não é apenas uma ideia alternativa para o festival. É antes a sua maneira de encarar a arte: “eu não partilho a ideia romântica de que um artista deve ficar a trabalhar sozinho no atelier” porque é essa interação que “ajuda imenso a crescer o trabalho”. Diz ela que foi uma perspectiva que ganhou quando estudou nas Caldas da Rainha, terra onde se sente muito a “troca de ideias criativa”.

“Desde novinha que queria ser artista”

Quando Beatriz Brum estava no 9.º ano já sabia que queria ir para Artes. “Desde novinha que queria ser artista”. Esse desejo fê-la andar a recolher assinaturas de alunos para conseguir abrir a área na escola Domingos Rebelo, que frequentava. Conseguiu. Acabou por ser o mote para o futuro que se seguiria.

Na altura da escolha do curso para a universidade, ainda ponderou optar por outras áreas com as



FOTOS RUI PEDRO PAIVA

Beatriz Brum tem 26 anos e desde cedo se interessou pelas artes

quais também se identifica, como a Psicologia ou a Educação Básica. Mas as artes falaram mais alto. Em 2013, acabou por ingressar na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, escola integrada no Instituto Politécnico de Leiria. Se o início foi “difícil” devido às “saudades de casa”, acabou por se habituar à “vivência muito específica” de uma “terra pequena muito ligada às artes”, como as Caldas.

Licenciou-se em Artes Plásticas e

tornou-se mestre, na mesma escola, em Artes Plásticas e Gestão Cultural. Pelo meio, no terceiro ano da licenciatura, ganhou o prémio do Walk&Talk destinado a jovens criadores. Também pelo meio, antes de concluir os mestrados, decidiu voltar a casa. Voltou aos Açores e à Lagoa. Tudo porque em janeiro de 2018, quando vinha de férias a casa, recebeu um “convite irrecusável”: trabalhar no serviço educativo do Arquipélago – o centro de arte contemporânea dos Açores, localizado na Ribeira Grande.

“Uma vez tinha ido visitar o Arquipélago e ao passar pelo serviço educativo olhei para a janela e pensei que adoraria trabalhar ali. São aqueles sonhos que se concretizam”, conta agora. Começou a trabalhar cinco dias após o convite e já lá vão três anos. Três anos em que procurou promover a arte com os diferentes públicos que vão ao centro de arte, com grande enfoque nas crianças. Um trabalho que permite a fusão da arte com a educação básica e a psicologia, as tais outras áreas de que sempre gostou.

Um regresso sempre iminente

Foi aquando do regresso a casa que tornou a antiga carpintaria no seu atelier, porque, fez questão de manter o trabalho artístico paralelamente à sua profissão. Atualmente, o seu trabalho tem incidido muito “sobre a luz”, focando a “questão espiritual” e a “relação corpo-forma”. Se no início gostava muito de criar com o recurso ao fogo, hoje os seus trabalhos utilizam outras superfícies como o acetato ou o acrílico.

A preferência pelos materiais explica-se por aqueles permitirem começar as obras sem qualquer condicionante de cor. A utilização do acrílico e do acetato reflete também a influência dos Açores no seu trabalho. “Sinto liberdade de criar formas nessas superfícies que são transparentes como o mar e as lagoas”.

A “condição de ilhéu” reflete-se quase sempre nos seus trabalhos, uma vez que a ilha funciona como “lugar de contemplação”, que molda muito o “espírito criativo”. E influenciou, também, durante muito tempo, os próprios materiais de quem sempre pensou um dia em regressar a casa. “Quando estudava lá fora tinha vontade de fazer trabalhos grandes, mas havia sempre aquela ideia de não saber como iria transportá-los quando fosse para regressar”.

Atualmente, além do atelier, Beatriz é uma das artistas que contribui na galeria Fonseca Macedo, em Ponta Delgada. Para o futuro, a artista plástica lagoense avança com duas intenções. Uma é aprofundar os seus conhecimentos em arteterapia, uma disciplina que faz da arte uma forma de terapia. A outra é ainda uma “possibilidade” e prende-se com abertura do atelier a outros artistas. “Estou a pensar na possibilidade de abrir o atelier a algum artista de cá ou alguém que esteja de passagem. Isso se alguém quiser. Tenho essa consciência que esta interação é importante para mim”. Uma intenção que deixa no ar a possibilidade daquele pequeno atelier, que já é um cativo de criatividade, se tornar num dos pontos essenciais do mapa da arte contemporânea em São Miguel.

RUI PEDRO PAIVA



Exposição de Beatriz intitulada ‘Figura-Lugar’ está instalada na antiga carpintaria da família

BIOCALCE MuroSeco

BIOCALCE® MUROSECO
REABILITAÇÃO DE PAREDES
HÚMIDAS E SALINAS




Biocalce® MuroSeco:
simplicidade e segurança para
a solução definitiva da
humidade capilar
em paredes.

KERA KOLL
The GreenBuilding Company

Costa Pereira e Filhos, Lda.
materiais de construção

Tel: 296 960 200 - www.costapereira.pt

RECOLHA DE RESÍDUOS

PORTA A PORTA ÀS 08H00 DE 2ª FEIRA A 6ª FEIRA

2ª FEIRA
PAPEL/CARTÃO
PLÁSTICO/METAL

3ª FEIRA
INDIFERENCIADOS

4ª FEIRA
VIDRO

5ª FEIRA
PAPEL/CARTÃO
PLÁSTICO/METAL

6ª FEIRA
INDIFERENCIADOS

**SE RECICLAR A LAGOA
FICA A GANHAR!**



ALMOCE OU JANTE NA LAGOA

SEGURANÇA · QUALIDADE · POUPANÇA

25% DESCONTO!

1 AGOSTO A 30 SETEMBRO 2020 NOS RESTAURANTES ADERENTES



INICIATIVA:  PATROCÍNIO:  



**CONTRIBUA PARA UMA NOVA
DINÂMICA COMERCIAL NA LAGOA
E DÊ VIDA AO SEU CONCELHO!**

**COMPRE NO COMÉRCIO LOCAL
E APOIE OS NOSSOS EMPRESÁRIOS!**



“Os problemas escolares ainda estão muito presentes no concelho”

Pandemia fez aumentar o número de sinalizações escolares avança a Presidente da Comissão de Proteção de Crianças de Lagoa que explica como se processa o trabalho da instituição

FOTO SARA SOUSA OLIVEIRA



Vera Libório é formada em sociologia e sempre se dedicou ao trabalho com públicos jovens

Fala de forma clara e sem hesitar durante as frases que escolhe para comunicar. Vera Libório tem 39 anos, é licenciada em Sociologia pela Universidade dos Açores, e desde cedo se dedicou aos mais novos, sempre na Casa do Povo de Água de Pau. No último ano e meio, e com as funções de coordenação, acumula a de presidente da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) de Lagoa. Diz que leva para casa a emoção de ter de gerir a vida humana. É mãe adotiva de dois gémeos e fala com conhecimento de causa sobre o que implica adotar, institucionalizar ou orientar famílias em situações de risco.

DL: O que faz uma CPCJ?

Acima de tudo, a proteção das crianças e dos jovens. A visão que se tem da comissão já está bastante melhor a nível geral. Lembro-me de há 15 anos a comissão ser sempre vista, como vulgarmente se dizia, como «o pai dos menores» que servia para tirar as crianças às famílias. O maior ganho que tivemos nos últimos

tempos foram as nossas parcerias com as escolas, a nossa proximidade com as instituições locais. A visão que a escola tem da CPCJ também é diferente porque anteriormente tínhamos profissionais quer de saúde quer das escolas que tinham medo de sinalizar para a CPCJ com medo de represálias. Hoje em dia isso já está um pouco ultrapassado e já está intrínseco que faz parte da nossa obrigação enquanto cidadãos, denunciar situações que não estejam bem. Qualquer um de nós, enquanto cidadão, pode denunciar uma situação.

DL: Qual é a parte mais gratificante do seu trabalho?

Vou responder de uma maneira que é muito minha, que é com o coração. Eu acho que para se assumir um cargo destes, tem que se sentir no coração e tem que se gostar desta causa. Eu aceitei, não por ser a melhor altura da minha vida, porque eu tenho dois gémeos que foram adotados e que estavam comigo há dois anos. Se calhar, não era a melhor altura da

minha vida e levei 1 mês a aceitar mas senti que era um chamado, uma missão que tinha que ter. Decidir a vida de alguém é muito difícil, por vezes não sabemos decidir a nossa própria vida quanto mais a dos outros. A institucionalização de uma criança é uma decisão difícil que é mal vista por quase toda a gente. Mas também temos de ter um pouco de cabeça fria, não ter só coração, e pensar nos ganhos que aquela criança vai ter numa instituição e que pode não ter em casa. Assim podemos estar promovendo um ambiente mais feliz, mais saudável na instituição que não é família mas se calhar é melhor que se tem em casa. A CPCJ tem uma parte muito emocional que eu levo para casa todos os dias. Não tenho férias, não tenho fins de semana, tenho sempre o telemóvel comigo, já tive de sair de casa para ir resolver situações. Temos de gostar verdadeiramente disto. Acho que temos feito um excelente trabalho de equipa.

DL: Aumentou o número de crian-

ças em risco em comparação com o mesmo período do ano passado?

Temos 139 processos ativos, onde cada uma das crianças ou jovens é acompanhada por nós. A maioria são crianças que estão nas suas famílias e nós fazemos o acompanhamento dessa família. Os problemas escolares ainda estão muito presentes no concelho, abandono, absentismo. O maior número de processos são entre os 11 e os 17 anos e as problemáticas são a negligência, violência doméstica, estando as crianças envolvidas nesse contexto.

DL: A pandemia acentuou que problemas?

Situações de violência doméstica. Em qualquer família durante a pandemia, tínhamos pais que tinham de ser educadores, funcionários, professores. Mesmo numa família estruturada não foi fácil. No caso de uma família que não é estruturada, que não tem por base a valorização escolar, onde vivem 10 ou 15 pessoas na mesma casa, claro que os problemas de álcool, violência doméstica acabam por aumentar. Durante a pandemia tivemos muitas sinalizações da questão escolar. Nem todos os pais estavam preparados para dar apoio ao ensino à distância. Tivemos situações de escolas a tentar contactar os pais, mesmo tendo disponibilizado os computadores, alegava-se que nem sempre funcionou.

DL: O número de sinalizações aumentou durante a pandemia?

Em termos gerais acho que não. Mas a nível escolar houve muitas mais sinalizações por causa do ensino à distância.

DL: Que tipo de acompanhamento é feito junto das famílias?

Contatos presenciais, visitas, contatos telefónicos, com entidades que estejam diretamente ligadas ao processo em causa. É um trabalho de muita proximidade com a família e mesmo neste período de pandemia tivemos que funcionar. Encerramos as instalações porque

teve de ser mas estivemos sempre a trabalhar no ativo. O telemóvel estava 24h por dia ligado, chegámos a fazer algumas visitas domiciliárias de situações mais delicadas, mantivemos contato com as famílias e também fizemos reuniões por videoconferência.

DL: A institucionalização é o vosso último recurso. Quando é que ela tem efetivamente de acontecer?

A ideia que temos é que a institucionalização parte sempre da CPCJ mas nem sempre, há famílias que pedem a institucionalização, já tivemos. A maior parte das vezes parte da CPCJ esta proposta. A parte da institucionalização é sempre o último recurso ou em casos de negligência grave. A Comissão faz uma proposta de acolhimento à família e a família aceita ou não.

DL: E se não aceitar?

Se não aceitar, o processo é enviado para o tribunal, em última instância. Não tomamos a decisão contra a família. É sempre explicado o porquê, as vantagens do acolhimento, o que se prevê para o futuro e a família pensa se aceita ou não.

DL: São mais os casos de aceitação do que os de recusa por parte das famílias?

Talvez cinquenta, cinquenta. Nunca é uma decisão definitiva, é provisória. E mesmo depois dos 18 anos o próprio jovem pode pedir ajuda à CPCJ e se desejar as institucionalizações podem ir até aos 25 anos. A própria instituição é que prepara a sua autonomia de vida. Quando encerramos um processo e vemos que teve sucesso e que aquela família se reestruturou é muito gratificante. Também é muito bom ver os miúdos crescer, ganhar o seu projeto de vida e sentir que fomos um pontinho naquele projeto de vida e marcamos positivamente a vida das pessoas.

SARA SOUSA OLIVEIRA

A Casa de Acolhimento que transformou a pandemia num mal que veio por bem

A pandemia afetou o dia a dia das instituições e a Casa de Acolhimento da Santa Casa da Misericórdia de Santo António não foi exceção. Mas depois das adversidades nasceram coisas boas

Aquando dos meses críticos da pandemia da covid-19, houve uma tarja, erguida numa varanda de um edifício da avenida infante Dom Henrique, na Lagoa, que se tornou popular. De repente, quer a reboque da comunicação social, quer graças às inúmeras publicações nas redes sociais, todos partilhavam a mensagem de esperança da Casa de Acolhimento Residencial da Santa Casa da Misericórdia de Santo António da Lagoa.

Aquela tarja, onde um arco-íris acolhia a mensagem “Vamos Ficar Todos Bem”, nasceu de uma das atividades feitas durante o confinamento. “Tivemos de ocupar os tempos livres deles com atividades diferentes daquelas que eles estavam habituados”, explica ao Diário da Lagoa a diretora técnica do Lar Sofia Rodrigues. Entre essas atividades estavam “jogos de tabuleiro”, “pinturas”, “trabalhos manuais”, “jogos tradicionais” e “desenhos”. “Teve de haver bastante criatividade”, diz a diretora. A necessidade de ocupar o tempo dos seis jovens que acolhem cinco rapazes, uma rapariga – deveu-se ao “primeiro impacto” da pandemia na vida do lar, relacionada com as obrigatórias mudanças nas “rotinas dos jovens”. Rotinas que, antes da covid-19, incluíam a ida à escola, o envolvimento em atividades como o futebol, o futsal, o kickboxing e catequese, e algumas saídas autorizadas. Depois do novo coronavírus, as rotinas passaram a ser “24 horas sob 24 horas” dentro das mesmas paredes, até porque as visitas e as saídas passaram a ser proibidas.

O fecho das escolas não impediu apenas o convívio daqueles jovens com os amigos. O ensino à distância obrigou a “grandes mudanças” no lar, que não tinha meios para acudir às aulas virtuais. “Não tínhamos materiais, foi um bocadinho complicado. Tínhamos um tablet e um computador fixo”, destaca a diretora, salientando que, felizmente, “alguns jovens tinham telemóvel com capacidade para instalar as plataformas” necessá-



Instalações no Rosário acolhem cinco rapazes e uma rapariga

rias. Além disso, a outrora sala de estudos, teve de ser transformada em quarto de isolamento e os jovens tiveram de passar a ter aulas noutros sítios do Lar, inclusive no gabinete da própria diretora.

Daniel Rego, 19 anos, é um desses jovens. Esteve vários meses longe da namorada e sem treinar no clube de futsal da Atalhada. “No início não foi fácil, uma pessoa nunca pensou viver um momento desses”. Mas diz que sempre teve a noção do perigo: “estamos habituados a sair, mas fomo-nos mentalizando que ficávamos mais seguros em casa”.

Também Leandro Mancebo, de 13 anos, diz ter compreendido a necessidade de ficar em casa, apesar de considerar uma “grande seca” estar “pouco a pouco” a lavar as mãos. “É chato, mas temos mesmo de ficar em casa. Se eu apanho, eu pego a todos aqui dentro. Toda a gente apanha por causa de mim”. Por isso, fez o esforço, o que implicou que tivesse estado longe do irmão - para ele foi o pior do confinamento. “Senti falta do meu irmão. Aquilo é a minha vida” diz, referindo, que já mataram saudades depois de cinco meses sem se ver.

A diretora do Lar destaca que o co-

nhecimento da situação crítica acerca daquilo que se passava em Itália ou Espanha, fez com que os jovens “também ficassem apreensivos”. À exceção de um caso: um jovem, a meados de março, desvalorizou a situação e continuou a sair mesmo não tendo a autorização. “Aí tivemos intervenção da Polícia de Segurança Pública da Lagoa. Vieram cá falar com ele e explicar que a atitude podia ter implicações de desobediência”, assinala, referindo que, desde aí, o rapaz tornou-se um “sucesso” no cumprimento de todas as normas de segurança.

Passados aqueles meses, a diretora acaba por fazer um balanço positivo. Mas não esconde as dificuldades: “foi tudo repentino, não houve preparação prévia”, diz, dando o exemplo da dificuldade que é trabalhar estando sempre a ser “bombardeada” com “circulares” das entidades de saúde. Além disso, a “exigência ideal” de trabalhar em turnos rotativos não é possível quando o staff é composto por 11 pessoas, sendo sete da equipa educativa. “Não temos recursos humanos para isso”.

“Há mal que vem por bem”

O jovem Leandro estava há três



Diretora do lar, Leandro Mancebo e Daniel Rego

anos no quinto ano. Com as aulas virtuais, passou finalmente para o sexto. “Em casa tenho mais tempo para estudar, é melhor ter aulas em casa”, diz, referindo que tinha sete fichas com exercícios para fazer semanalmente. De manhã, via a aula. Depois almoçava, “conversava um bocadinho” e de tarde “fazia então as fichas”. A receita deu sucesso.

Também Daniel melhorou as notas, sobretudo a matemática, disciplina onde tinha “muitas dificuldades”. Diz que conseguiu ser “melhor aluno” porque tinha mais tempo. Em resumo, “senti falta dos amigos”, mas as aulas virtuais acabaram por “ajudar bastante”. As melhorias não se fizeram apenas sentir ao nível escolar. Com todos em casa, a união do grupo acabou por aumentar. Isto porque antes “uns estavam numa escola outros noutras”, cada qual “tinha as suas atividades”, explica Daniel. Devido às consequências da pandemia acabaram por ficar “mais unidos” e passaram a “conversar mais uns com os outros”. É mais um incentivo para Daniel, que está prestes a fazer 19 anos, mas que não pensa em sair do lar, ao contrário do que acontece com a “maior parte das pessoas” na-

quele centro quando se tornam maiores de idade: “eu vou aproveitar as oportunidades que o lar me dá. Sinto-me bem aqui e tenho condições que em casa não tinha”. Também para a diretora a união do grupo acabou por ser uma das notas mais positivas da pandemia. Aumentou o “companheirismo”, a “união” e a “própria dinâmica” das relações da casa. Até porque o confinamento afastou alguns jovens das “más influências”, assinala a diretora, explicando que muitos miúdos acabam por “cair na tentação do consumo de estupefacientes”.

Talvez por isso haja um desenho na porta de entrada do lar, feito por um dos jovens, que defende que “há mal que vem por bem”. Um desenho que, segundo a diretora, revela que “são eles próprios a assumir que houve efeitos positivos” da pandemia covid-19.

O desafio para o futuro é, nesse caso, tornar a exceção na regra. Também para o futuro, a pandemia já não os vai apanhar desprevenidos. “Se houver segunda vaga, estamos mais preparados. Oxalá que não, mas vamos ver como corre”.

FOTOS RUI PEDRO PAIVA

RUI PEDRO PAIVA

Formação do Operário com 5 escalões e mais de 70 inscritos

Numa conversa a três, os responsáveis pela formação do clube explicam o recomeço onde os 80 sócios passaram a 400



Hugo Santos (à esquerda) acompanhado de Bruno Vieira (ao centro) e Fernando Furtado (à direita)

Fernando Furtado tem 51 anos e é técnico de rações, mas diz que a formação é o seu grande amor e quase não há dia nenhum em que não vá à sede do Clube Operário Desportivo (COD). Até aos 17 jogou no Operário tendo depois emigrado para o Canadá. Quando regressou, ligou-se logo ao clube onde está desde 1987, com 4 anos de interregno pelo meio. Hugo Santos é de Lisboa mas escolheu a Lagoa para viver e trabalhar logo aos 19 anos. Passou por nove clubes e hoje, aos 37, é o capitão do COD e diretor técnico da formação que é lide-

rada por Bruno Vieira. O técnico de 33 anos tem um mestrado em Futebol de Alto Rendimento e ocupa atualmente a função de coordenador-geral da formação do Operário. Passou por sete clubes, entre os Açores, o continente e a Madeira.

DL: Bruno, o que o levou a aceitar o projeto da formação do Operário?

Bruno Vieira: Nos últimos quatro anos, a formação foi sempre decaído, tinha 9 escalações e no ano passado abriram 3 contando com os mais pequenos. A primeira pergunta

que fiz ao Presidente foi: "o que é que você pretende?" E ele explicou que queria reestruturar tudo, fazer o clube ligar-se à terra, à região, tirar os miúdos da rua, dar-lhes prática desportiva, tirar-lhes dos maus hábitos e a partir daí dar-lhes uma rotina e alguma educação que muitos em casa talvez não tenham. O nosso primeiro objetivo é ligar o clube à terra.

DL: Que objetivos traça para a próxima época?

Bruno Vieira: Reabrir o que estava fechado e gradualmente ir aumentando

o nosso nível de exigência. Queremos evolução a nível desportivo mas também a nível pessoal.

DL: Os pais estão reticentes em voltar a colocar os filhos no Operário?

Bruno Vieira: Nós não conseguimos abrir o escalão de iniciados. Isso foi um grande problema porque queríamos abrir tudo. Há dois anos tínhamos miúdos que estavam no futebol de sete onde há um acompanhamento muito grande dos pais que iam com eles para todo o lado e depois eles iam vendo coisas que não faziam sentido e foram-se afastando para outros clubes. Elaboramos uma lista de todos os miúdos que iam saindo para convidá-los a regressar.

DL: Já bateram em algumas portas que não se abriram?

Fernando Furtado: Pensei muito bem antes de voltar ao Operário porque sabia como estava o clube e como ficou a formação. Ouvia muita coisa por fora que mexia comigo. Sempre vivi este clube desde criança e agora abraçamos os três este projeto. No princípio pensei que íamos abrir só três escalões mas a adesão foi tão grande.

Bruno Vieira: O senhor Fernando conhece toda a gente aqui e isso é muito importante.

Fernando Furtado: Estou surpreendido com o que conseguimos tendo em conta a forma como estava o clube. Pegamos no clube do zero. Quando levámos 46-0, no ano passado, até saiu no jornal, aquilo para mim foi uma doença autêntica, eu não me revia naquilo. E agora em duas semanas de 80 fomos para 400 sócios, é impressionante, são sócios que deixaram de pagar as cotas e voltaram a pagar.

Bruno Vieira: Num sábado eu e o diretor dos benjamins fomos bater às portas do bairro. Em duas horas conseguimos 12 miúdos, o que é impressionante.

DL: O que distingue o vosso projeto de formação dos restantes?

Bruno Vieira: Não sei o que se passa nos outros clubes mas posso lhe dizer o que se vai passar no Operário. Criamos um documento interno em que eu vou ter deveres e vou ter obrigações, temos de caminhar todos numa só direção. Vamos ter o nosso próprio gabinete de formação no campo, vamos fazer reuniões, os modelos de treino têm de ser respeitados. A nossa maneira de trabalhar tem de ser sempre trabalhar a base para rentabilizar os seniores.

Hugo Santos: Independentemente das condições que tem, o clube não deixa de ter a grandeza que sempre teve. Muito poucos clubes, para não dizer nenhum, têm as condições do Operário para se trabalhar, eu sei porque estou cá há 17 anos.

DL: O que é que um jovem pode encontrar na formação do operário?

Hugo Santos: Cheguei cá com 19 anos e apanhei jogadores lagoenses com muita qualidade. Nessa altura os jogadores identificavam-se com o fabril, um homem de trabalho, um homem guerreiro e essa componente estava instalada e neste momento não está. E nós queremos recuperar isso.

DL: O trabalho que terão em campo também vai ter em conta o sucesso académico dos atletas?

Bruno Vieira: Dentro do gabinete da formação vamos dividi-lo em três salas: de visionamento de vídeos, de trabalho dos treinadores e no meio vamos criar uma sala para os miúdos fazerem os seus trabalhos de casa. Vamos querer acompanhar as notas e futuramente queremos ter explicadores para apoiar os miúdos.

DL: Na próxima época, o que é que o operário oferece a quem chega?

Bruno Vieira: Trabalho, rigor e exigência, não prometemos mais nada. É preciso dar a disciplina que eles, muitas vezes, não têm em casa, para criarem hábitos de trabalho para o futuro, é a nossa grande premissa para este ano.

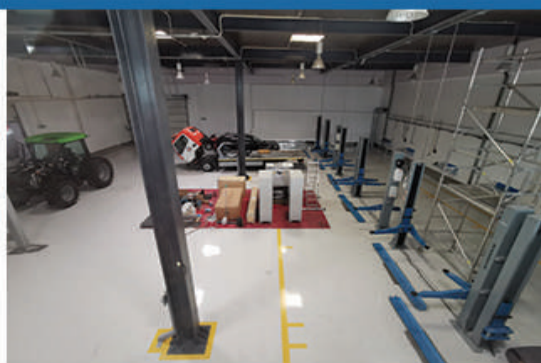
SARA SOUSA OLIVEIRA

PUB.



SERVIÇO REBOQUE 24H

Reparações Mecânicas
Chapa e Pintura
Vidros para Viaturas



Telf: 296 960 170 / 96 250 40 65 - autoccentral@hotmail.com

Futuras Instalações: Estrada dos Portões Vermelhos, 20



Joana Paquete
Farmacêutica
Farmácia Mântua

Pitiríase Versicolor: vamos descomplicar esta micose?

À primeira vista parece algo muito complicado, mas na realidade é algo simples, nada do outro mundo. Para desmistificar esta micose, é necessário conhecê-la, aprender quais os seus sinais e sintomas, como poderemos tratá-la e até mesmo como a prevenir. Vamos a isso?

A Pitiríase Versicolor é uma infecção fúngica (micose) superficial da pele provocada pela alteração morfológica de um fungo, chamado *Malassezia furfur*. Este fungo habita de uma forma natu-

ral e inócua (sem causar infecção) como esporo na nossa pele, ou seja, está sempre conosco porque faz parte do nosso microbioma cutâneo. Por influência de diversos fatores, a *Malassezia furfur*, de esporo pode desenvolver-se e transformar-se numa hifa (forma patogénica) que invade o estrato córneo da pele, originando uma infecção que causa lesões cutâneas. A diferenciação da morfologia deste fungo pode ocorrer devido a fatores ambientais como a exposição a elevadas temperaturas e humidade, transpiração excessiva e aumento da produção de sebo. Alguns indivíduos podem ser geneticamente mais predispostos a desenvolverem este tipo de infecção, bem como os indivíduos com o sistema imunológico mais fragilizado. No entanto, a maioria das pessoas afetadas por esta infecção fúngica são saudáveis.

É uma das micoses superficiais da pele mais frequentes, especialmente entre a infância e a adolescência e, também em jovens adultos. Caracteriza-se por ocorrer alterações na pigmentação da pele, originando lesões arredondadas a ovais de cor muito variável (daí o seu nome ser versicolor), pois podem ser hipopigmentadas (mais claras) ou hiperpigmentadas (mais escuras). A cor das lesões varia de acordo com a pigmentação natural do indivíduo, a exposição da área afetada à luz solar e a cronicidade da infecção. O tamanho das lesões é também muito variável, começando por serem pequenas e, caso não sejam tratadas, à medida que a infecção evolui tornam-se maiores e de formato mais irregular. Estas lesões surgem, principalmente, no tronco, pescoço, costas e braços, mas também podem aparecer no rosto.

Trata-se de uma infecção que é, geralmente, assintomática, mas que pode provocar descamação e prurido ligeiros.

O diagnóstico baseia-se na aparência clínica das lesões e na identificação de hifas no exame micológico de raspagens de pele das lesões. Este exame, que se realiza ao microscópio, permite confirmar a presença do fungo na sua forma patogénica.

Sabia que as “manchas” da Pitiríase Versicolor revelam fluorescência quando submetidas a uma luz ultravioleta? Este é outro exame que se pode realizar, utilizando uma lâmpada de Wood, para evidenciar a infecção da pele de uma forma rápida e nítida.

A Pitiríase Versicolor é também conhecida como “micose de praia”, mas, ao contrário do que se pensa, não é adquirida na praia ou piscina! Trata-se de um mito! A ver-

dade é que esta infecção é com mais frequência diagnosticada no verão, porque a maior exposição solar favorece o aumento do contraste entre as lesões provocadas pela *Malassezia furfur* e as áreas de pele saudáveis, isto é, estas lesões não ficam pigmentadas e sobressaiem assim sobre a nossa pele bronzeada.

Não é uma doença infecciosa nem contagiosa, portanto não há transmissão do fungo de pessoa para outra. Ah e não deixa cicatrizes na pele! O desenvolvimento deste tipo de infecção também não está relacionado com hábitos de higiene ou contato com locais públicos.

O tratamento da Pitiríase Versicolor envolve como primeira linha medicamentos antifúngicos de aplicação tópica (champôs, soluções, loções, pomadas ou cremes) e como segunda linha medicamentos antifúngicos orais (comprimidos ou cápsulas), mediante prescrição e monitorização médica para os casos mais graves e recorrentes. Tratar esta infecção envolve muita paciência e persistência no cumprimento do tratamento farmacológico, uma vez que pode levar ainda algum tempo até que as “manchas” desapareçam na totalidade e é muito elevada a probabilidade de recidiva.

A Pitiríase Versicolor conduz as pessoas à farmácia em busca de aconselhamento farmacêutico, dado que a maioria desconhece a origem destas “manchas” e de que existe um tratamento. Sendo esta uma infecção, maioritariamente, assintomática, leva as pessoas a procurarem uma solução essencialmente estética.

Aqui ficam algumas dicas simples para prevenir ou acelerar o tratamento desta infecção:

- Evitar a exposição ao sol e usar sempre protetor solar 50+;
- Não utilizar produtos oleosos no corpo;
- Preferir roupas mais largas, de preferência em algodão, para diminuir a transpiração;
- Caso tenha infecções recorrentes realize um tratamento preventivo.

Saiba como o pode fazer de forma correta e adequada junto da sua farmácia.

A sua saúde, sempre.

PUB.

LA ROCHE-POSAY
LABORATOIRE DERMATOLOGIQUE

PARA MELHORAR A VIDA DA **PELE SENSÍVEL**

UMA PELE BEM PROTEGIDA DO SOL MERECE UM DESCONTO

-30%
NA 1ª UNIDADE

-80%
NA 2ª UNIDADE

1 DE JULHO A 30 SETEMBRO

*Limitado aos vales existentes nos pontos de venda aderentes. Válido para as gamas de Anthelios e Posthelios, exceto promoções on pack, Anthelios stick labial, Anthelios stick zonas sensíveis, Anthelios Pocket size adulto e criança. Promoção válida de 1 de julho a 30 setembro.



M^a Luísa da Câmara Pereira
Professora e tutora pedagógica

Uma vez que o mercado procura criar mecanismos de dependência consumista para vender os seus produtos, as pessoas acabam por ser arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos desnecessários. O consumismo obsessivo, sentido e praticado por grande parte dos indivíduos, é, sem dúvida, o reflexo subjetivo do paradigma tecnoeconómico. Romano Guardini, escritor e notável teólogo católico do século XX, afirmou

Pessoas ou marionetas?

a este propósito: “O ser humano aceita os objetos comuns e as formas habituais de vida, tal como lhe são impostos pelos planos nacionais e pelos produtos fabricados em série e, na generalidade, age assim com a impressão de que tudo é razoável e justo.” O referido paradigma faz crer a todo este tipo de consumidores, que são livres, pois conservam uma suposta liberdade de consumir. Neste engano, apenas possui a liberdade a minoria que detém o poder económico e financeiro. Na realidade, a humanidade da pós-modernidade não encontrou uma nova compreensão de si mesma, que a possa orientar e esta falta de identidade é experimentada com angústia, pois percebe que tem demasiados meios, que todavia se encontram norteados para objetivos escassos e de valor insignificante.

Neste sentido, a situação do mundo atual “gera um sentido de precaridade e insegurança que, por sua vez, favorece formas de egoísmo coletivo.” (Romano Guardini). Quando as pessoas se tornam auto-referenciais e se refugiam na ilha confusa e subjetiva da sua própria consciência, tornam-se vorazes. Quanto mais vazio está o seu coração, tanto mais estas necessitam de objetos para comprar, possuir e consumir. Em tal contexto, não parece possível para uma pessoa aceitar que a realidade lhe coloque limites; neste horizonte não existe sequer a noção de um verdadeiro bem comum. Se este é o tipo de sujeito que tende a predominar numa sociedade, as normas serão respeitadas apenas na medida em que não contradigam as necessidades próprias. Nesta medida, não se pense só na possibilidade de

terríveis fenómenos climáticos ou de perigosas epidemias virais, mas também nas catástrofes resultantes de crises sociais, porque a obsessão por um estilo de vida, sobretudo quando poucos têm a possibilidade de o manter, só poderá provocar violência e destruição recíproca.

Como otimista que sou, acredito que nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, têm ao seu alcance a opção de superar-se, voltar a escolher o bem, que passa pela observação do bem comum e regenerar-se, para além de qualquer condicionamento psicológico e social que lhes seja imposto. Nesta mudança de atitude, serão capazes de olhar para si mesmos com honestidade, exteriorizar as próprias penas e encetar caminhos novos, rumo à verdadeira liberdade.

Partilho a ideia de que não há sistemas que anulem, por completo, a abertura ao bem, à verdade e à beleza, nem à capacidade de reagir, que a Bondade divina continua a estimular no mais recôndito do coração humano.

Neste contexto, para que não nos tornemos marionetes, acionadas pelos interesses das minorias do capital selvagem, vale a pena não esquecermos a nossa dignidade, aquela liberdade genuína, que nos torna autênticos seres humanos e que ninguém tem o direito de nos tirar.

Romano Guardini, *Das Ende der Neuzeit* (O fim da época pós-moderna)

Papa Francisco, *Laudate Si*

Reutilizar a água

A água é um elemento essencial a todos os nossos tecidos, sendo fundamental para a manutenção da saúde e para a nossa sobrevivência. Sabia que cerca de 70% do corpo humano é constituído por água? Por isso a importância da ingestão da quantidade diária aconselhada (1,5 a 2 litros de água por dia). A água funciona como um solvente no funcionamento de todos os sistemas e órgãos, como meio de transporte e na regulação da temperatura corporal. Na Roda dos Alimentos, a água encontra-se no centro, não só pela sua importância para o Homem, como também por ser um constituinte presente em todos os alimentos em maior ou menor quantidade. Embora a melhor forma de ingerir água seja “ao natural”, pode também recor-

rer-se a outras bebidas desde que sem adição de açúcar, álcool ou cafeína (sumos de fruta e alguns chás), a sopas, legumes e frutas. Podemos inclusive reutilizá-la nos nossos cozinhados e torná-la nutricionalmente rica. Na edição desta semana mostro-lhe como e porquê é tão saudável reaproveitar a água da cozedura de certos alimentos. Seja durante a cozedura de legumes ou durante a cozedura de um frango antes de desfiá-lo, para uma receita cheia de sabor, o processo de cozinhar os alimentos pode resultar numa água riquíssima em nutrientes. A primeira dica é utilizar a menor quantidade de água possível na cozedura dos alimentos para obter um caldo concentrado. Durante o aquecimento, algumas vitaminas e minerais dissolvem-se na água tor-

nando-a menos rica em nutrientes. Para que a perda seja ainda menor, é aconselhável manter as cascas ao cozinhar, como no caso das batatas, por exemplo. Quando se trata dos hortícolas a dica de ouro é ficar atento ao tempo de cozedura. Isso porque as vitaminas, como a vitamina C e as do complexo B, são termossensíveis. Ou seja, quando expostas a altas temperaturas durante muito tempo, oxidam. Então para reter ao máximo as vitaminas e os minerais dos hortícolas, a melhor técnica, e a mais saudável, é cozinhar a vapor. Se não for possível, então utilizar pouca água e tentar reutilizar a mesma noutras receitas. A água utilizada na cozedura dos hortícolas, ou outros alimentos, permite aumentar o teor nutritivo dos seus pratos. Além de

evitar o desperdício e ajudar ainda na sua poupança, a água pode ser reutilizada, por exemplo, na preparação de arroz, de purés, de massas, de leguminosas ou quaisquer estufados ou refogados que requeiram água. Também as suas plantas ou a sua horta podem beneficiar deste reaproveitamento. Rica em nutrientes, a água da cozedura ajudará a fertilizar a terra, contribuindo então para o crescimento saudável das plantas. Porém, embora a ideia de reutilizar a água da cozedura seja vantajosa e saudável, nem todas as águas podem ser reaproveitadas. A água utilizada para cozinhar salichas, por exemplo, deve ser descartada. Deve igualmente evitar a água da cozedura de beterraba, espinafres ou soja. E porquê? Porque esses alimentos possuem um



Catarina Rola
Nutricionista
A Sua Saúde Sempre

alto nível de oxalato, um antinutriente que dificulta a absorção de minerais pelo organismo e, consequentemente, contribui para o surgimento de problemas como cálculos renais. Sendo a água uma solução fundamental para a vida, não só no que toca ao corpo humano, como também para o ambiente, seguiremos a falar sobre a importância da água na próxima edição.

PUB.

PUBLICITE

PROMOVA O SEU NEGÓCIO - CONTACTE-NOS: DIARIODALAGO@SAPO.PT



Por Roberto Medeiros

Por alvará passado pelo rei de Portugal, D. Manuel I, foi a Freguesia de Água de Pau elevada a Vila e sede de concelho. As razões pelo qual mereceu este estatuto devem-se ao facto desta terra ter sido coroada de terras muito férteis e de recursos hídricos de boa e em grande quantidade. Daí o nome de Água de Pau. Encontraram os primeiros que aqui chegaram tanta água e uma serra recheada de tanto arvoredo onde pau para toda a obra não faltava. Estabeleceu-se nesta localidade gente cortejada pelo reino e de influência, que alguns dos «principais» pauenses armando-se cavaleiros, com seus homens foram defender o reino e nossas praças conquistadas no norte de África. De regresso a Água de Pau o Brazão de mérito que lhes fora atribuído concederam-no à sua Igreja da Senhora dos Anjos, que ainda hoje está patente no cimo do altar da mesma.

Ainda sobre a criação do concelho de Água de Pau, Carreiro da Costa diz que «A proximidade de Água de Pau em relação a Vila Franca do Campo – ao tempo da capital da ilha – o prestígio e a atividade das pessoas mais importantes da terra e, por consequência, o progresso social e económico operado localmente, terão contribuído para que a mesma Água de Pau ganhasse a corrida no sentido de se constituir vila e sede de concelho. Assim, a 28 de julho de 1515 – cerca de sete anos antes da Lagoa – era Água de Pau elevada a vila e tida como cabeça de um concelho com meia légua de raio. Era a quinta vila que se criava em S. Miguel, pois que a primeira havia sido Vila Franca do Campo, em data que não se pode precisar; a segunda, Ponta Delgada, em 1499; a terceira, Ribeira Grande, em 1507; a quarta, Nordeste em 1514 e a sexta, Lagoa, em 1522. [Cf. Carreiro da Costa, Memorial da vila da Lagoa e do seu concelho, P. Delgada, 1974, p. 13]

Da história desta vila, recorro ao túnel que me leva ao passado e entro na caravela que saiu de Portugal na segunda metade do século XV e percorre a costa sul da ilha de S. Miguel, com escarpas e falésias de lava. Aqui e ali vêm-se grutas e cavernas. Além parece-me ver a ponta de um

A 28 de Julho a Vila de Água de Pau celebrou o seu 505º aniversário

FOTO JOHN ROBSON DE NEW BEDFORD, EUA



Panorâmica da Vila de Água de Pau de 2003 anterior à Via Rápida

penedo parecendo a quilha de uma «Galera» com uma reentrância a seguir de rochas em «Cerro». Além, a falésia torna-se altaneira com carrancas desenhadas na lava rochosa e aproximamo-nos de uma baía constituída por duas praias. Uma pequena enseada com uma gruta e a maré cheia, do momento, permite-lhes confirmar que uma pequena embarcação consiga nela entrar. Aproximamo-nos da outra praia, numa baía que a protege. No meio da praia projeta-se da rocha uma grossa cascata de água, provocando uma calheta chã que rompe a areia, deixando visível um corredor de água doce que se entranha no mar. Na caravela, vinham alguns abastados morgados, como Manuel Afonso Pavão e João Jorge, alguns Oliveiras, Araújo e Sousas que procuravam um lugar que lhes permitisse construir uma vila. Para isso teria de ter terrenos férteis e bons recursos hídricos.

Aportam finalmente, desembarcam, reconhecem a terra, de que tomam solenemente posse, no meio do cenário grandioso da natureza. Esforçados nos perigos, eram fervorosos na sua gratidão e reconhecimento à proteção divina.

Sobem uma íngreme rebentação, abrindo vereda os da frente, até chegar à chã. Dali olhando para trás, vislumbram toda a baía e a praia com a calheta, onde apartara a caravela. Um sacerdote celebra o incruento sacrifício da missa ali mesmo no descampado. Não havia ainda altar nem templo, mas que importava?

Qualquer lasca de pedra virgem serve de ara, tendo por cúpula a abóboda do firmamento, donde pende a grande lâmpada do sol. As rochas, eretas, assemelham-se a colunas com cortinados de cantaria. A relva cobria o chão como um tapete aveludado. Nas mãos do sacerdote elevou-se a Hóstia consagrada a alvorecer o es-

paço. Os portugueses povoadores estão de joelhos, reverentemente inclinados. Com esta missa, com a alma temperada em tão solene batismo de fé, surgiu, em bela e prometedora manhã de história, daquele povo para viver nas terras ricas de pão e boníssimas águas, desde a ponta da Galera até à Serra, denominada depois e para sempre, por Serra de Água de Pau. Manuel Afonso Pavão ali perto se fixou com sua família, conforme carta abonatória que trazia do reino que lhe permitia ocupar porção de terra onde assim desejasse. A este lugar seria dado depois o nome de «Jubileu» talvez por ter passado meio século de paz e segurança que a rocha altaneira proporcionara ao povoado, dos ataques dos piratas e ao porto com o seu nome e que hoje, 505 anos depois, dá pelo nome de Baixa da Areia.

Água de Pau atraía novos colonos vindos de Portugal. Nas caravelas que iam aportando à ilha de S. Miguel, na ânsia de povoar as ilhas por vezes vinha mão de obra mourisca escrava para ajudar a desbravar a terra e noutras vezes no reino, despejavam os cabalouços e enviavam gente de má índole também.

Por isso, Manuel Afonso Pavão mandou construir no cume da rocha mais altaneira ao porto, uma armação onde se visse bem um laço e uma «Forca», para que os que chegassem com ímpetos de má-fé ficassem logo a saber que naquela terra, havia lei! Ainda hoje este lugar dá pelo nome de «terra-da-forca»!

O povo cresceu e o povoado também. Os que iam chegando foram abrindo primeiro, atalhos, veredas e até ruas. Seguiram-se as determinações do reino e com os primeiros colonos vieram um padre e alguém que riscaria ou distribuiria as ruas para que se fosse erguendo os casebres, da futura vila.

Passado o Jubileu subiram a encosta, abrindo caminho paralelo a uns «barrancos» onde passava uma ribeira de forte caudal, fixaram-se uns «ferreiros».

Subiram e num largo que viria a ser a Praça, o padre e o representante do reino seguiram a margem direita da ribeira e num plano mais elevado decidiram construir a indispensável igreja consagrada ao culto de N^a S^a dos Anjos.

Dali do plano alto da igreja, o povo iria ouvir o seu sino e ver sempre a sua igreja de onde estivesse localizado. A rua que ia da igreja à Praça viria a chamar-se de rua da Trindade, por ter nela sido erigido uma ermida desta devoção, na casa de um dos seus moradores.

Segundo as regras de construção da vila, foi da Praça que nasceram as outras ruas que iriam compor, primeiro o Povoado desde o século XV, depois a Freguesia em 1505 e a elevação da vila de Água de Pau em 1515.

Dou um salto no tempo e sobre os motivos em que foi suprimido o concelho da Vila de Água de Pau em 1853 gostaria de contestar o mesmo porque «Um inquérito industrial realizado em 1845 revela que a vila e concelho de Água de Pau tinha conhecido um período de industrialização pujante na segunda metade do século XVIII e na primeira metade do século XIX, pois, apesar de apresentar um funcionamento já decadente naquela data, tinha 30 moinhos de água, onde ainda trabalhavam 40 operários, e tinha ainda 12 fábricas de pelames que ocupavam 30 operários, sendo que apenas 4 moinhos e 1 fábrica tinham construção datada dos anos vinte do século XIX, residindo eventualmente aqui a maior razão para que Água de Pau, apesar da sua pequenez geodemografia, se ter mantido como concelho até finais de 1853, portanto sem

nunca ter sido integrada no concelho de Lagoa» [Cf. Fátima Sequeira Dias, ob. cit., p. 93]. Naturalmente que se podem aventar várias razões porque tinha Água de Pau todos aqueles moinhos e fábricas de peles, razões que julgamos devem contemplar três aspetos: 1º - A grande riqueza das terras agrícolas situadas entre aquela vila e o termo da vila da Lagoa, que ainda hoje são consideradas das mais férteis da ilha e aptas ao cultivo de cereais; 2º - O pastoreio de gados nas extensas encostas da Serra de Água de Pau como fornecedora de peles; 3º - O caudal permanente e controlado por comportas do grande paul de Água de Pau, que se situava acima da igreja paroquial, e que era drenado a céu aberto por várias ruas da vila, onde, eventualmente era canalizado para os moinhos e fábricas de curtume das peles.

Sobre o Povo da Vila de Água de Pau, sua evolução, seu património, sua cultura e tradições falarei no meu próximo livro «Antes que a Memória se Apague II – Crónicas de Água de Pau a publicar em dezembro deste ano.

Todos deveriam saber ligar a terra à família e à história como os pauenses. A história da nossa terra, as origens da família, as expressões típicas da nossa vila onde nasceram os nossos avós caracterizam o nosso povo. O pauense não deixa o passado escoar tão rapidamente por entre os seus dedos. E se alguns dizem que o pauense ainda vive do passado, eu tenho certeza de que é isso o que o faz ter raízes tão fundas e fortes.

O açoriano deveria ter o balanço entre a rigidez e o afeto que têm os pauenses. Todo o país deveria ter uma data como o 15 de agosto da «Quirida» Senhora dos Anjos para celebrar. Parabéns Vila de Água de Pau pelo teu 505º Aniversário – 1515/2020.



NESTE VERÃO FAÇA FÉRIAS CÁ DENTRO

EXPLORE OS NOSSOS TRILHOS PEDESTRES





NESTE VERÃO FAÇA FÉRIAS CÁ DENTRO

MERGULHE NESTA ONDA
E DESFRUTE DE BONS MOMENTOS





Lídia Meneses
Presidente
Lions Clube Lagoa 2019/20

O ano lionístico começou em junho de 2019 cheio de atividades para realizar e convívios a promover mas, entretanto surgiu o imprevisto. Aquela situação anómala, a que chamamos pandemia Covid 19 e que nos lançou num tumulto de medo, perdas, contradições e isolamento. Muitos foram os Lions, porém, aptos a responder construtiva e rapidamente à sua comunidade e ao seu clube, implementando novos métodos ao improvisar sistemas de votação digital, promover reuniões e convívios online e servindo a comunidade de inserção e a geral, nas suas necessidades mais prementes.

O Clube Lions Lagoa Açores suspendeu todas as atividades, reuniões e celebrações públicas, desde março,

300*

para corresponder com mais doações de alimentos a famílias numerosas, com os seus **Cabazes Solidários**. Este auxílio foi concretizado, todos os meses, graças à disponibilidade dos membros, doações de cidadãos locais, à Câmara Municipal da Lagoa e com o devido cumprimento das regras de distanciamento e higiene.

Atividades interessantes ficaram por realizar mas - ainda assim - de junho de 2019 a março de 2020, vários foram os eventos como: angariação de fundos, reuniões, celebrações, workshops, rastreios de saúde e iniciativas que dinamizaram o serviço prestado à comunidade e ao convívio entre Lions. Este foi um plano de atividades feito em sintonia com o poder local, cidadãos lagoenses, o aval e o trabalho dos companheiros. Podemos regozijarmo-nos de encerrar este capítulo com uma agradável sensação de serviço cumprido pois, poder ajudar é gratificante e enriquecedor. Face às atuais circunstâncias, muito mais serviço nos exigirá a atenção.

Mostramos, aqui, algumas das nossas publicações, em redes sociais, na app My Lion e na televisão, onde

fomos defendendo a importância de pertencer a este clube, mas não terminamos sem antes partilhar uma pequena reflexão:

Várias respostas são aceitáveis quando questionamos a razão de ser Lion, entre muitas a de prestarmos auxílio aos mais vulneráveis, mas há razões que começam na inquietação da alma. Naquela insatisfação, por todos nós inteligível, a de não sabermos ao certo, porque andamos por cá e se a nossa vida tem impacto. O Lionismo alarga-nos os horizontes desta fome de alma, desta insatisfação, permitindo-nos auxiliar os mais necessitados ao mesmo tempo que crescemos e que evoluímos, como organização. O saber acumulado e a estrutura Lion, quando gerida de forma salutar pode, de facto, criar benesses. Para isso é importante saber guardar o ego e saber conviver em democracia. Saber ser cívico.

O propósito é servir e para servirmos bem, precisamos trabalhar bem, em conjunto. Que o próximo ano nos ilumine.

* 300 foi o número de pessoas servidas pelo LC Lagoa - S.Miguel, Açores

Quadras para a Lagoa



Júlio Tavares Oliveira
Escritor

a Manuel Augusto de Amaral

começaste de baixo
do rés-do-sonho Lagoa
secaste mas elevaste o superlativo do homem
minha Lagoa:

do âmago alegre ou triste
das coisas insistes em permanecer
na existência afortunada da memória colectiva
do útero da terra substantiva do teu nome o homem

há-de ser bicho outra vez depois de ser
rei:
minha Lagoa onde se acaba o mar e começa
a serra de Água de Pau ou o Pico da Barrosa

se avista: onde há os Infernos nas profusas
grutas por entre entrelaçados purgatórios
de água que agueiros da tua estirpe cuidam
dar ao povo em cantis

Lagoa minha terra meu dever mátrio:
hás-de ser rede piscatória ou écloga bucólica
hás-de ser aldeia presépio ou urbe natural
da contemporaneidade:

que antonímias estas predicam
Lagoas como esta noutros lugares do mundo? Lagoa:
lugar de pios costumes de cruces de rosários
de peças de Cerâmica ou do idoso em particular - o meu

avô agueiro João Carlos que joga dominó na praça
ou que conversa no Canto do Chafariz
predicando um hino para esta velha terra -
este hino há-de ser vosso ó povo lagoense

escrito na pedra dos fontanários secos com o giz
com que adornaste as vossas ardósias
meu nobre povo pobre e humilde
meu nobre povo descalço!

são doutos somenos o doutoramento
a cátedra da vida - é essa!
e há nas mãos o firme firmamento
da memória - mais uma remessa

O Mestre da Sensibilidade

Há poucos dias, escutando as palavras de Jesus Cristo e confrontando a minha vida com os seus ensinamentos, recordei-me de um livro de Augusto Cury, *O Mestre da Sensibilidade*. Não sei porquê, mas o título apelou-me à revisão de vida. Todos precisamos de um Mestre. Ninguém nasce aprendido, como diz o nosso povo. O que somos, somo-lo, graças à entrega e partilha de tantas vidas, sorrisos e lágrimas. *O Mestre da sensibilidade* não ensina, apenas. Com a sua vida concretiza o que ensinou. Aliás, os seus ensinamentos só são acolhidos verdadeiramente porque a própria vida os confirma. Embora, muitos sejam chamados de Mestres, nem todos partilham a vida.

As imagens apresentadas por Jesus, nos últimos domingos, são um exemplo da sensibilidade que tem. Atento à sua realidade, fala-nos do tesouro da Vida com as imagens do campo, da terra, do semeador, da semente, do trigo e do joio. Jesus vê na semente lançada à terra a possibilidade da vida acontecer. O verdadeiro Mestre vê nos sinais simples a possibilidade de algo extraordinário acontecer. Só o autêntico Mestre terá a capacidade de ver para além das aparências.

Olhando a atitude de Jesus e recordando-me do título do dito livro, pude compreender que dentro de nós há um universo de possibilidades. Necessitamos apenas de um Mestre, uma espécie de



João Ponte
Padre

parteira, que nos ajude a dar à luz o que em nós foi semeado. Ver a realidade e comprometer-me com ela. Ser Mestre e discípulo em simultâneo, eis o segredo, a meu ver, para se saborear o Mistério da Vida.

Ficha Técnica Diário da Lagoa

Registo ERC: 126473
Deposito Legal: 402139/15

Propriedade:
Narrativa Frequente Unipessoal, Lda.
NIPC: 515752304
Capital Social: 1000,00 €

Gerência (sócio detentor de 100% do capital social): Clife Botelho
Sede: Rua do Espírito Santo, 6A
9560-079 - Lagoa, Açores

Fundador: Norberto Luís
Diretora/ Editora: Sara Sousa Oliveira
Redação: Rui Pedro Paiva (CO6193A);
Sara Sousa Oliveira (CP- 6193A);
Direção Comercial: Clife Botelho
Colaboradores nesta edição:

Alexandre Oliveira, Catarina Rola,
João Ponte, Joana Simas, Joana Paquete,
Júlio Tavares Oliveira, Luís Moniz, M^ª Luísa da Câmara Pereira,
Roberto Medeiros, Funerária Carvalho.
Periodicidade: Mensal
Impressão: Gráfica Funchalense
Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, n.º 50 - Morelena
2715-029 Pêro Pinheiro - Portugal
Tiragem: 750 exemplares

Sede da editora e redação:
Rua do Espírito Santo, 6A
9560-079 - Lagoa, Açores
Email: diariodalagoa@sapo.pt
Estatuto Editorial disponível em:
<http://diariodalagoa.pt>

Nota: Conteúdos dos artigos de opinião, aqui publicados, são da responsabilidade de quem os assina. Anúncios são da responsabilidade dos respetivos anunciantes, salvo erro tipográfico.



Mais conteúdos aqui.

“Açorianos há milhões de anos”

São criaturas retratadas ao mais ínfimo pormenor através de macrofotografias captadas pela lente do espanhol Javier Torrent. Estamos a falar de espécies de insetos endémicos dos Açores que estão espalhados por seis telas com quatro metros de largura por três de altura, em diferentes locais da Lagoa. “O objetivo é sensibilizar a população para a importância da conservação da biodiversidade dos Açores e o título remete para os seres vivos que já estavam cá antes de nós e estão seriamente ameaçados”, começa por explicar Susana Cabral ao Diário da Lagoa. A coordenadora do Expolab - Centro de Ciência Viva diz que colocar as obras na fachada de edifícios públicos tem uma justificação: “as pessoas acabam por «tropeçar» na própria exposição questionando o porquê da-



Telas estão instaladas em seis espaços públicos da cidade

quelas fotos numa altura em que se anda mais ao ar livre”. Cada tela apresenta a imagem do inseto acompanhado de uma alcinha inspirada nos cognomes de reis portugueses, das funções que desempenha e do risco de desaparecimento das espécies. O projeto promovido pelo Expo-

lab é uma iniciativa do Grupo de Biodiversidade dos Açores e da Universidade dos Açores. É financiado pela Direção Regional da Ciência e Tecnologia e teve a colaboração de várias entidades bem como da sociedade civil.

SSO

Horóscopo



Carneiro (21/3 a 20/4)

A vida afetiva reflete a necessidade de comunicação, que constitui um fator importante na relação, de modo a poder expressar os seus pensamentos. A nível profissional, podem surgir soluções de onde menos espera e vai descobrir os apoios essenciais para conseguir alcançar melhores proveitos.



Balança (24/9 a 23/10)

A vida afetiva acusa falhas na comunicação e dificuldades de expressão dos seus sentimentos. Procure adotar uma atitude assertiva e compreensiva. A nível profissional, apresente as suas ideias de forma muito objetiva e fundamentada bem as suas opções para conseguir defender os seus propósitos.



Touro (21/4 a 21/5)

A vida afetiva atravessa um período de segurança e de tranquilidade. Em todos os setores tem a possibilidade de colocar os seus planos em prática. A nível profissional, a sua evolução vai depender exclusivamente da sua capacidade de tomar iniciativas e decisões sobre o futuro da sua carreira.



Escorpião (24/10 a 22/11)

A vida afetiva decorre favoravelmente no sentido de assumir compromissos de âmbito familiar e de materializar projetos em termos de maternidade. A nível profissional, trata-se de uma época muito protegida. Sente que tem todos os meios necessários para realizar os seus projetos com sucesso.



Gémeos (22/5 a 21/6)

A vida afetiva marca novas possibilidades de recomeçar um romance excitante, mas tente aprofundar o conhecimento acerca do outro elemento do par. A nível profissional, as suas tarefas diárias vão fluir de uma forma concreta e sem problemas incontornáveis. Pode receber apoios de um familiar.



Sagitário (23/11 a 21/12)

A vida afetiva beneficia do seu entusiasmo reforçado, que atrai aventuras muito escaldantes. Aproveite este ciclo auspicioso, mas evite confusões. A nível profissional, a conjuntura traz-lhe ótimas novidades e dá-lhe a possibilidade de superar eventuais obstáculos para poder realizar planos.



Caranguejo (21/6 a 23/7)

A vida afetiva vivencia momentos muito intensos. Vai sentir a energia apropriada para poder partilhar emoções fortes com as pessoas circundantes. A nível profissional, está com a coragem indispensável para seguir a sua intuição e aproveitar as oportunidades que lhe trarão ótimos resultados.



Capricórnio (22/12 a 20/1)

A vida afetiva é indispensável para o seu bem-estar e não pode encontrar satisfação apenas no campo social. Comece por elevar o seu amor-próprio. A nível profissional, encontra-se com grande capacidade de trabalho e conseguirá ter a argumentação necessária para atrair os apoios que precisa.



Leão (24/7 a 23/8)

A vida afetiva está inclinada para as suas carências pessoais. É tempo de receber de retorno tudo o que semeou e vai ter de enfrentar obstáculos. A nível profissional, decerto vai ter de colocar o seu orgulho de parte para poder aceitar novos projetos e desenvolver outros métodos de trabalho.



Aquário (21/1 a 19/2)

A vida afetiva retrata a qualidade das suas relações e receberá de retorno tudo o que semeou nos últimos anos. É tempo de conquistar a liberdade. A nível profissional, novos projetos trazem-lhe realizações e progressos. Coloque a sua argúcia intelectual a funcionar perante os novos desafios.



Virgem (24/8 a 23/9)

A vida afetiva recebe boas influências do regente Mercúrio, que lhe permite harmonizar a sua relação amorosa, de modo a encontrar a tranquilidade. A nível profissional, seguramente, terá de tomar decisões cruciais para conseguir concretizar os seus planos e poder melhorar o setor económico.



Peixes (20/2 a 20/3)

A vida afetiva possibilita-lhe renovar laços, trocar afetos e consolidar a sua relação amorosa. Se está disponível, pode iniciar uma nova paixão. A nível profissional, terá uma ideia que lhe poderá trazer soluções definitivas no que diz respeito a um problema que se arrasta há muito tempo.

Obituário

Rosário

Maria A. M. Sardinha Campos

Nasceu: 15-08-1939
Faleceu: 05-07-2020



Maria dos Anjos M. Sousa

Nasceu: 13-03-1930
Faleceu: 06-07-2020



Adelina F. Rodrigues Pereira

Nasceu: 10-12-1944
Faleceu: 15-07-2020



Santa Cruz

Liberia M. C. Sousa Vieira

Nasceu: 10-03-1955
Faleceu: 20-06-2020



Rui Alberto A. Silva Branco

Nasceu: 06-06-1947
Faleceu: 03-07-2020



Filomena M. Almeida Moniz

Nasceu: 21-03-1956
Faleceu: 12-07-2020



Adriano A. B. Pimentel Brum

Nasceu: 10-04-1961
Faleceu: 13-07-2020



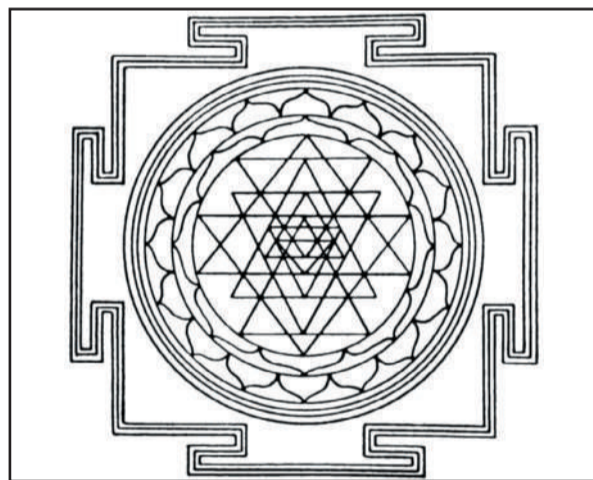
Cabouco

Maria R. M. C. Freitas

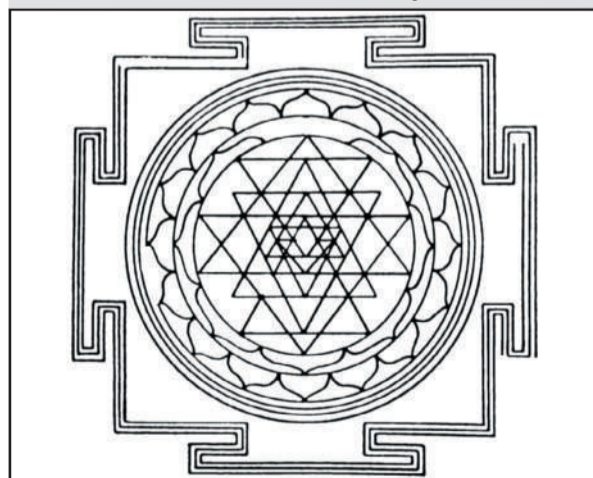
Nasceu: 05-02-1947
Faleceu: 18-07-2020



Passatempo



Descubra as sete diferenças



Solução



Astrólogo Luís Moniz

Consultas presenciais
e online

E-mail: rikinho-astro@hotmail.com

Site: <http://meiodoceu-com-sapo-pt.webnode.pt/>



Velhas e novas “espécies de vegetação rasteira”!



Alexandre Oliveira
Professor

Os caminhos e estradas da ilha estão lentamente a retomar o aspeto que encanta todos quantos por eles passam, seja de carro, de bicicleta ou a pé. A profusão dos verdes compõe o fundo onde nesta altura reinam as hortênsias que emprestam um colorido ondulado que se perde na paisagem. São jardins de encanto que se estendem por quilómetros. Tal como tinha escrito num artigo anterior, a natureza tem o seu ritmo e

esperou por nós! Mas parece que continuamos a persistir em velhos hábitos e continuamos a feri-la gravemente. O movimento de pessoas e carros, antes da pandemia, atingiu uma tal dimensão que se tornou necessário proceder a uns quantos ajustamentos no que respeita às visitas e circulação em diversos espaços para não se hipotecar a sustentabilidade. Nessa altura assistiu-se ao aparecimento do que apetece chamar “novas espécies de vegetação rasteira”. Na verdade, por muitos caminhos e miradouros viam-se “florescer” cartuchos de papel, copos de bebidas, com e sem palhinha, embalagens de hambúrgueres e batatas fritas, conferindo um colorido muito desagradável que entristecia a vegetação circundante. Muitos diziam que eram os turistas que procediam a estas estranhas e indesejadas “plantações”, que aconteciam sobretudo

nas madrugadas dos fins de semana. Neste momento, a economia resente-se com a falta de turistas, mas nos caminhos e miradouros continua a nascer esta “vegetação” daninha. Vemos agora também “nascer” mais duas espécies daninhas que muito rapidamente estão a chegar a diversos espaços e não precisam de terrenos muito férteis ou de grande cuidado para nascer. São brancas, são azuis, são verdes e parecem querer rivalizar com as hortênsias que falávamos há pouco. Difícilmente o conseguirão, mas ferem a paisagem e representam mais um elemento de perturbação da natureza que queremos afirmar imaculada. Na verdade, a via pública não é o melhor local para inutilizar as luvas e máscaras descartáveis que temos de usar. Estas “novas espécies” de ervas daninhas têm um processo de crescimento, ou melhor, de aparecimento

curioso. Umas nascem predominantemente durante a noite, outras durante o dia! Mas o efeito perturbador sobre a paisagem é o mesmo. Sejam quem for os responsáveis por estas “plantações” seria importante que pensassem que não há a possibilidade de aplicar qualquer herbicida e também não podemos aguardar qualquer vacina milagrosa que mude estes hábitos. Está na hora de cada um pensar que todos os contributos são importantes para continuar a fazer dos nossos caminhos e miradouros os mais bonitos e agradáveis. Para os turistas? Sim, mas também para os residentes e, sobretudo, para a própria natureza. Por isso, apetece dizer que se dispensam mesmo estas velhas e novas “espécies de vegetação” que infelizmente parecem ter chegado para ficar.

Lagoa com hotel de 22,5 milhões

O novo hotel resort vai ocupar as instalações da Fábrica do Álcool, na freguesia do Rosário, que se prepara para ser desativada. De acordo com a imprensa regional, o espaço vai ter 219 quartos, piscina interior, exterior, spa, campos de ténis e paddle e uma área dedicada às crianças. Em declarações à RTP Açores, Domingos Correia, gerente do Grupo Arliz, explicou que o projeto já está a ser promovido em feiras de turismo no estrangeiro sendo os mercados da América do Norte, Brasil e Alemanha os mais apetecíveis. Parte do património da antiga fábrica deverá ser preservado incluindo a icónica chaminé do edifício e os tanques com dezenas de metros de altura que serviram de depósito para o armazenamento de melação.

As obras de renovação e remodelação da Fábrica do Álcool da Lagoa deverão arrancar no início do próximo ano e deverão durar entre um ano e meio a dois anos. Contactado pelo Diário da Lagoa, o grupo Arliz, com sede em Braga, não se mostrou disponível para prestar esclarecimentos sobre o novo hotel tendo sido feitas várias tentativas de contacto por parte do jornal. O grupo Arliz é atualmente dono de três empreendimentos turísticos na ilha de São Miguel.

SSO

Verão é sinónimo de lazer

A pandemia que atravessamos está a trazer consequências nefastas na economia mundial. Em Portugal, os números são assustadores nas várias áreas. No setor cultural os efeitos são sem precedentes e há uma urgente necessidade de investir neste setor a vários níveis. No que toca aos museus, o número de visitantes diminuiu, não só por questões sanitárias, mas sobretudo porque houve quebras nos fluxos turísticos, ou não fosse a maior percentagem dos visitantes ser do exterior e Portugal estar na lista negra de alguns países. Esta diminuição de público leva a uma menor receita o que fará com que alguns museus fechem portas por não conseguirem suportar os custos de toda a manutenção.

Face a esta situação os museus estão a adaptar-se aos novos desafios. Adiarão ou cancelaram inaugurações de exposições temporárias, espetáculos e outros eventos, reduziram a lotação máxima no espaço, limitaram o acesso a certas salas e condicionaram o manuseio de certos equipamentos interativos. Numa altura em que se apela à compra de produtos portugueses, ao fazer férias dentro do próprio país para reativar a economia nacional, há que aproveitar essa chamada e incentivar a população a visitar os museus locais que estão devidamente preparados para receber visitantes, cooperando assim para a sua dinamização e concretização dos objetivos propostos por cada instituição museológica.

O Governo Regional dos Açores lançou um programa de apoio ao turismo interno, algo desejado há muito pelos açorianos. Apesar de existirem alguns requisitos para obtenção deste apoio que pode ir até aos 150 euros para cada açoriano maior de 12 anos, não deixa de ser um bom incentivo para conhecer outras ilhas que não a de residência. E em cada ilha, novas descobertas esperam por quem as quer descobrir. Novos museus que contam a história de cada ilha, que é nada mais nada menos que a história do povo açoriano. No meio de tanta turbulência existem pontos positivos para as visitas em plena pandemia, começando por um melhor usufruto dos espaços, por não haver multidões, nem filas de espera e com medidas de segurança rígidas.



Joana Simas
Museóloga

Assim, e cumprindo com as orientações que forem dadas à entrada de cada espaço museológico, podemos aproveitar o tempo de lazer que o verão nos permite, para explorar novos espaços, quem sabe até viajar no tempo, sem perigo para a saúde pública, adquirindo novos conhecimentos para uma maior compreensão do mundo atual.

PUB.

Raspe no que é nosso

Ganhe até 20.000€

20.000€

com o Jogo Instantâneo
ganha você e ganha os AÇORES

Diário da Lagoa

OBRIGADO
POR ESTAR DESSE LADO

BOA LEITURA

DL